



Capa de *A Ocupação* (2019), de Julián Fuks.
 fonte: <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=14797>

Sandra Augusto Silva¹

A OCUPAÇÃO (2019), DE JULIÁN FUKS: UMA PROSA POÉTICA DE CORPOS EM EXÍLIO

A OCUPAÇÃO, BY JULIÁN FUKS: A POETIC PROSE OF BODIES IN EXILE

A OCUPAÇÃO, DE JULIÁN FUKS: UNA PROSA POÉTICA DE LOS CUERPOS EN EL EXILIO

Estava à espera dos bárbaros como se estivesse à espera de si mesmo. Ele queria ser invadido. Queria ser conquistado, ocupado da cabeça aos pés, a ponto de se esquecer de quem era antes da invasão.

(Mia Couto, *Mulheres de cinzas* 2015 apud Julián Fuks, 2019)

Não há sangue dos outros. Em cada um que sangra todos nós esvaímos.

(Mia Couto, *Sombras da água* 2016 apud Julián Fuks, 2019)

¹ Mestranda do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: sandraaugustosilva2184@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2368-9894>.

Julián Fuks traz as supracitadas citações das obras do escritor moçambicano Mia Couto no romance *A Ocupação*, de 2019. Elas estão *fora* do texto que compõe o romance em si, mas estão, por completo, inseridas no sentido de uma *escrita sobre outros*. Fuks, mais uma vez na pele do narrador Sebastián, completamente entregue a uma *escrita*, que é também, *de experiência*, por conta dos dias em que ficara no antigo hotel Cambridge, é ocupado, neste romance, por diversas vozes de outros sujeitos que ao ocupá-lo o fazem refletir sobre sua própria condição exílica. Ele vai desenvolver uma aproximação que se dará muito afetiva com o espaço e as pessoas que vivem nesta construção, e assim recria, por meio da escrita, esta experiência de residência que lá passara. Um local ocupado por pessoas que buscam um lar e que possuem histórias de vida e origens diversas. São refugiados de contextos de catástrofes naturais, de violências por conta de conflitos territoriais e de poder em suas terras, que se juntam àqueles que, ainda que naturais do território brasileiro, vivem à margem do direito à segurança de um teto. Em agosto de 2017, o Instituto Terra, Trabalho e Cidadania trouxe a voz de Carmen da Silva Ferreira, líder da Frente de Luta por Moradia (FLM) que disse “*somos todos refugiados, refugiados pela falta dos nossos direitos*”. Fuks nos apresenta em *A Ocupação* (2019) diversas formas em que um homem pode ver-se e sentir-se refugiado e/ou exilado, inclusive, ele mesmo. Ele fará, aliás, da voz de Carmen, uma daquelas que compõem uma teia coletiva de múltiplas vozes que movimentam a narrativa.

A segunda citação supracitada de Mia Couto dialoga com a afirmação do narrador, quando diz que “*todo homem é a ruína de um homem*” (FUKS, 2019) porque ela comunga do compartilhamento da ideia de que todo homem, de que todos nós, somos ao mesmo tempo nós e o outro, e sendo assim, portanto, do sangue que se esvai e dos escombros de ruínas de corpos, nunca saberemos a fonte. Uma escrita, cabe aqui, a tempo, correção, portanto, *sobre outros que somos nós*. O esvaír deste sangue e a ruína que compõe todo homem se dão na escrita deste romance por meio de diversos modos de ocupação, e assim transpõe a primeira ideia que perpassa pelo título da obra: a ideia de que ela será permeada, pura e simplesmente, pela ocupação de construções abandonadas da cidade de São Paulo por grupos de corpos invisibilizados, exilados estrangeiros e mesmo brasileiros em terra brasileira, e corpos, sobretudo, exilados em si mesmos, em suas próprias condições de existência humana. A relação que os corpos estabelecem entre si e com o espaço das ocupações possuem grande força na narrativa porque Julián Fuks se debruça numa *construção metonímica* destes sujeitos refugiados e exilados.

Por meio desta *construção metonímica*, Fuks (2019) evidencia a força de sujeitos excluídos representada em partes dos seus corpos, apresentando-os como as *ruínas* de homens e mulheres

que, um dia, acreditaram possuir uma terra e um lar que chamavam seus, e as *ruínas* de homens e mulheres que possuem o direito a eles, mas precisam ocupá-los, à revelia, em próprio solo nacional. Uma escrita que compõe o que Julián Fuks chama de uma *literatura de ocupação*, uma literatura que, neste romance de 2019, perpassa as partes dos corpos e os formam um todo como luta e resistência às injustiças e desigualdades de um sistema societário que os repele. Em entrevista à Revista Quatro Cinco Um, no mesmo ano de publicação do romance, Fuks afirmou que a *“literatura de ocupação não quer se esquivar do presente, não quer se esquivar da política, não quer esquecer tudo o que nos assola. Uma literatura que se faz rua, praça, prédio, escola, e que deixa reverberar em suas páginas as muitas vozes que gritam pela cidade* (CARVALHO, 2019). Vozes como as descritas pelo escritor reverberam pelas páginas deste romance, e a voz do próprio escritor reverbera sobre a voz de Sebastián. Esta reverberação da voz do escritor sobre o seu narrador, no capítulo 34, expressa por meio de semelhantes palavras ditas na referida entrevista, o posicionamento do escritor sobre uma *literatura que ocupa*. Fuks (2019) na voz de Sebastián, ao se referir a uma espécie de necessidade de estar no espaço da ocupação do Hotel Cambridge, e ao se referir às vozes dos moradores sem-teto, dirá que:

[...] Ocupar era o imperativo de todos eles, ocupar as praças, as ruas, os prédios vazios, povoá-los com seus corpos ainda firmes, com sua vida incontível. Ocupar era uma urgência dos corpos, convertida no mais contundente dos atos políticos, a afrontar a resignação dos serenos. Ocupar nem que fosse para estar entre muitos, para existir ainda uma vez em coletivo. Meu imperativo talvez fosse outro, embora impossível: me fazer praça, me fazer rua, me fazer prédio vazio, e que enfim me ocupasse o incontível da vida. (FUKS, 2019)

Ocupar como uma urgência dos corpos (FUKS, 2019) é uma marca da narrativa de *A Ocupação* (2019). Braços, pernas, sobretudo, tomam uma força representativa na obra porque simbolizam ora força, apoio, ora a inocência, ora o cansaço, o medo e a impotência, ora um estranhamento, ora uma saudade, uma dor e um adeus. São exemplos o discurso do refugiado sírio, Najati, em praça pública, *“os braços erguidos a aplaudi-lo ao fim de cada frase mais intensa”* (FUKS, 2019); *“os braços quase erguidos”* (FUKS, 2019) em apoio também à Carmem que discursa após o grupo realizar nova ocupação; *“os braços caídos, ombros baixos”* (FUKS, 2019) e impotentes de Demétrio Paiva; os tomados pela dor e saudosos *“braços dos pais e das irmãs”* (FUKS, 2019) dele ao vê-lo partir; *“os braços que se cruzavam sobre a mesa passando as travessas”* (FUKS, 2019) durante a refeição da família de Sebastián; as *“urgências de um filho, como a fome, o sono, a angústia, o medo, o riso indecifrável”* (FUKS, 2019) a ocupar os braços do narrador; as *“pernas retorcidas”* (FUKS, 2019) do cadeirante; a inocência nas *“pernas ágeis*

e alegres das crianças” (FUKS, 2019); as “pernas pesadas” (FUKS, 2019), cansadas de Sebastián a subir os degraus do Hotel Cambridge, e o medo de Demétrio, “abraçado às próprias pernas” (FUKS, 2019).

A recorrência aos braços e antebraços do pai também é marcante no texto. Instaure-se entre pai e filho um estranho constrangimento, que se expressa nos momentos em que se tocam. Um momento específico em que o filho toca o pai se dá no hospital quando ele convalesce, do que a narrativa dá indícios, de problemas pulmonares. Sebastián aproxima a poltrona da cama dele, e toca seu “braço volumoso” (FUKS, 2019), e “arrasta a palma da mão pelo seu antebraço” (FUKS, 2019) tentando, ao que afirma, “avivar os seus poros” (FUKS, 2019). Mais adiante, dirá que o pai acordara e o vira acariciar-lhe, “fortuitamente” (FUKS, 2019) o antebraço, e este carinho visto pelo pai torna-se algo semelhante a *um flagrante constrangedor*. O filho-narrador vai afirmar que desde aquela noite, que fora a primeira do pai naquele hospital, “quase não era capaz de tocá-lo” (FUKS, 2019).

A presença de Mia Couto no processo de produção deste romance do escritor brasileiro se estende para muito além das citações referenciadas, pois Couto exerce a função de mentor do escritor paulistano numa residência artística que este realizou no Hotel Cambridge. O programa Mentors & Protégé trouxe Fuks como o primeiro escritor brasileiro participante. Em entrevista à Revista Veja no ano de 2016, Julián afirmou que queria “abordar algo da violência que se vê numa cidade como São Paulo, mas não a exercida pelo outro, e sim a que o outro sofre, a brutalidade que o vitimiza de tantas maneiras”.

Fuks segue, neste romance, a estratégia de capítulos curtos, apenas numerados, que tornam a leitura muito fluida e agradável, sem, portanto, permitir qualquer sentimento de cansaço ao leitor. Inquieto, reflexivo e até em desassossego pela condição de saúde do pai e pela possibilidade de tornar-se pai, pois a esposa está grávida, o narrador da prosa de *A Ocupação* (2019) oferece momentos pujantes de poeticidade. Um destes momentos se dá quando ao pai que está no leito de um hospital, sente uma vontade, que lhe parece absurda, de oferecer um cigarro, e não que esta vontade se dê pela satisfação do desejo do pai por um cigarro, mas, ele dirá, que seria “uma chance de arrebatá-lo o cigarro da boca como se assim arrebatasse também a morte” (FUKS, 2019). Um sentimento de angústia, de vontade de salvação do pai numa manifestação muito expressiva, simbólica, poética. Se refletirmos sobre o que a Professora da Universidade de San Andrés, na Argentina, Florencia Garramuño (2014), discute em *Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea*, podemos afirmar que Fuks realizou uma escrita tocada por um certa *impertinência*. O escritor nos faz refletir, sobre o que caberia como próprio, específico de um texto em prosa porque ela é toda, neste romance, tomada de uma potência poética como se lêssemos versos de um poema como os quais

estamos acostumados somente na estrutura deste gênero. Fuks (2019) parece ter realizado o seu *passo de poesia na prosa*.

A narrativa estende a reflexão a cerca de dois termos já mencionados e significativos em *A Resistência* (2015), como, por exemplo, o termo *ruínas*, e o próprio termo intitulado do romance: *ocupação*. Se no romance de 2015, o irmão adotivo de Sebastián poderia tornar sua mãe biológica *uma mulher em ruína*, em *A Ocupação* (2019), Fuks parece se aprofundar um pouco mais na reflexão do homem diante de condições, sobretudo violentas, que o põem em situação de ruína, seja por ações advindas do outro, seja por ações praticadas pelo sujeito a si mesmo. Nesta escrita de 2019, Julián estende também a reflexão acerca do termo *ocupação*, ampliando-o para além daquele que se refere ao significado *de tomar posse, invadir* um espaço físico, e afirmamos isso porque já em *A Resistência* (2015), o termo foi destaque nas palavras que arremataram a narrativa quando Sebastián “*entra de cabeça baixa no quarto*” (FUKS, 2015) do irmão adotivo para lhe apresentar a narrativa, justamente, de *A Resistência* (2015) ele afirma, sobre aquele quarto, que era “*como se o ocupasse, como se não restasse espaço para mais nada*” (FUKS, 2015). Sebastián referia-se a muito mais que o espaço físico daquele quarto. Referia-se a uma redescoberta do irmão, a uma ocupação de um espaço significativo da história do irmão.

A Ocupação (2019) também traz, assim como no romance de 2015, a recorrência ao corpo, mas com muito mais ímpeto, porque se em *A Resistência* (2015), os braços do irmão de Sebastián a tocar nos dele evidenciavam, em cena referida acima, um distanciamento entre eles, para que ao final da narrativa, simbolizasse uma aproximação, como se naquele momento se conhecessem de fato, em *A Ocupação* (2019), os braços tornam-se um todo de muitos dos sujeitos que ocupam as páginas, e não só eles: o antebraço do pai, as pernas de Sebastián e as de outros personagens também compõem a referida *construção metonímica* realizada pelo escritor.

A narrativa se inicia por Sebastián que aponta dois exemplos de homens em ruína. O primeiro refere-se a um homem em cadeira de rodas. Andando por uma rua à noite com sua esposa, é interpelado por este homem que solicita que o conduza até ao final da rua, e, por fim, lhe pede uma cachaça. Ele afirma que o que torna aquele homem uma ruína é *um aspecto menor, circunstancial* (FUKS, 2019), que é o fato de estar ele embriagado. Mais adiante, já a sair do bar com a cachaça na mão esquerda, o narrador vê-se diante de um dilema: permitir que a “*necessidade de um menino*” (FUKS, 2019) (um suco) se impusesse à “*vontade do homem*” (FUKS, 2019) (uma cachaça). Muito mais do que o intento de atribuir merecimento ao menino ou ao homem, este capítulo inicial reflete

a cidade de São Paulo porque andar por aquela cidade que ambos *julgavam deles*, os fizeram percebê-la uma *cidade ocupada*, uma cidade que oferecia dilemas que, aparentemente, eram tão simplórios como um que envolvia um suco e uma cachaça. Uma ou outra escolha o forçava a decidir entre amenizar duas *dores* diferentes, mas em corpos que, igualmente, necessitavam de tê-las amenizadas. Seja qual fosse a decisão, poderia levar à ruína um homem como ele que tinha somente “ *na mão direita*” (FUKS, 2019) uma nota de dez reais. Ele sentiu, portanto, que, diante do impasse, “ *embora nada tenha dito, que a palavra que dissesse seria a sua ruína*” diante do olhar inacessível da esposa na penumbra daquela noite. O narrador reflete sobre como a cidade de São Paulo é ocupada por *sujeitos em escombros*, e como esta percepção o afeta a ponto de também perceber-se em ruínas: *a ruína da escolha* e, sobretudo, a ruína de ver-se obrigado a *mensurar*, como numa balança, o sofrimento e a necessidade de sujeitos, sobre os quais só conhecia a imagem que lhe davam o presente. Sujeitos com histórias e passados desconhecidos por ele. Ele havia, portanto, que *escolher* só com o que o presente lhe dava. Ao leitor, pode parecer que o narrador detém, no momento que entra no bar de uma esquina qualquer, um grande poder em mãos, mas a escolha, qualquer que fosse, seria a sua ruína. Não sabemos como o narrador resolveu o dilema, o que parece não ter importância dizer porque é justamente *o não dito* que traz a convicção ao leitor, a todos nós, de que ele é o outro exemplo de um homem em ruínas no início deste romance.

Uma recorrente imagem que se dará ao longo do romance, também, já se evidencia aqui, no primeiro capítulo. Trata-se das *esquinas*. Elas são marcantes na narrativa, e aparecem como o espaço onde se dá toda espécie de sordidez, a “ *sordidez replicada mundo afora todos os dias, numa infinidade de esquinas*” (FUKS, 2019). O aceno da esposa de Najati, na Síria, quando ela desaparecia na “ *névoa seca, na poeira, ao pé de uma laranjeira, foi isso que viu pela última vez quando a viatura dobrou a esquina*” (FUKS, 2019); a palma da mão da esposa no antebraço do narrador, sem que ela esperasse que chegassem a “ *alguma esquina em particular*” (FUKS, 2019) para lhe dizer com voz firme que precisavam decidir se teriam um filho ou não; Ginia que caminhava à procura da filha, mas que só se deparava com corpos que “ *ninguém dava conta de enterrar, que só cuidavam de empilhar nas esquinas*” (FUKS, 2019). Entretanto, quando o narrador que se “ *fundiu, enfim, àimensidão dos outros*” (FUKS, 2019) no desfecho da obra, dobra uma esquina, esta parece se configurar como uma esquina diferenciada porque foge à pura “ *sordidez replicada mundo afora todos os dias*” (FUKS, 2019), pois ele que ao dobrá-la teve os olhos cegos, momentaneamente, pelo sol, reflete sobre si mesmo como “ *um sujeito sem origem, sem história, habitante de um presente que era tudo ainda que nada durasse, ainda que mirasse continuamente ao futuro*” (FUKS, 2019). Sebastián enxergou naquela manhã uma luminosidade,

e uma luminosidade que se fez maior, aparentemente, sobre ele mesmo, porque enxergou-se um homem face a um futuro possível.

O desejo repentino da esposa por um filho parece incompreensível ao narrador. Ela que antes não desejava um novo ser entre o casal, agora o para numa esquina qualquer e o questiona dizendo “*a gente precisa decidir se vai ter um filho ou não*” (FUKS, 2019). Eles agora eram “*dois cúmplices num ato extravagante, no mais comum dos atos humanos*” (FUKS, 2019), dirá Sebastián. Eles, agora, terão um filho. Os momentos com a esposa e as reflexões sobre esta possibilidade da paternidade, e mesmo quando ela se confirma com a gravidez planejada, assumem também na narrativa um teor muito poético. No 8º capítulo, a repetitividade de expressões embala este teor, como quando reflete como pareciam suficientes um ao outro e estarem *ocupados* um pelo outro “*noite a noite*” (FUKS, 2019). Ele dirá que “*entre dois, noite a noite, parecia impossível que não criássemos uma proximidade máxima*” (FUKS, 2019), que “*entre dois, noite a noite, por mais de uma década, parecia impossível que não compuséssemos uma enciclopédia comum de ideias*” (FUKS, 2019). E, aqui, neste momento, o narrador expõe o fato de que quase nunca escreve sobre sexo, e que não sabe explicar o motivo, mas transporá, o que parece uma barreira, e refletirá como o sexo, se tornara cheio de “*automatismos irreparavelmente eficientes*” (FUKS, 2019). Entretanto, o que Sebastián narra neste ponto de sua prosa poética é uma nova ocupação que se dá em seu corpo e no corpo de sua esposa. Uma redescoberta porque experimentavam “*o encanto da diferença, o prazer da fricção, o gozo do estranhamento*” (FUKS, 2019) e havia um objetivo para além do *automatismo do prazer* que um corpo oferece ao outro. Havia um/o objetivo, que se firmara em ambos: *a ocupação por um filho*.

Inquieto, agora, com o que já se tornara uma certeza, a paternidade, porque confirmou-se a gravidez da esposa, Sebastián divide seu tempo entre o hospital e a atenção ao pai, a esposa e as idas ao Hotel Cambridge para ouvir pessoas como Najati que, em primeiro encontro, dissera saber dele ser um *escritor do exílio*, “*de vidas desgarradas, sobre árvores cujas raízes estão fincadas a milhares de quilômetros*” (FUKS, 2019). Mais uma vez, percebemos uma alusão ao romance *A Resistência* (2015) e aos exílios, lá, referidos: o exílio (de fato) dos pais, que vieram para o Brasil para fugir do contexto de ditadura militar na Argentina na década de 1970, o exílio do irmão adotivo, “*que permanecia à parte, entre seus lençóis*” (FUKS, 2015) quando a família acolhia uns aos outros na cama do casal, o exílio do próprio narrador, que se exauria à escrita e investigação da história do irmão adotivo que também compunha a sua e, por extenso, a história de toda a família. Fuks (2019) quando permite que, em *A Ocupação* (2019), vozes diversas ocupem sua escrita, ele permite também que experiências diversas de exílio se manifestem. Ainda que sua prosa seja muito tomada pela poeticidade,

lembramos aqui o que diz Edward Said sobre o exílio. Said (2003) dirá que ainda que a literatura apresente histórias de exilados de forma heroica, romântica, que expressem superação, sempre existirá uma “*tristeza essencial*” e “*uma condição de perda terminal*” das quais o exilado não consegue se livrar. Exilados, de fato, como Najati, que veio da Síria, e Ginia, do Haiti, ou exilados em suas próprias existências como o narrador, um sentimento de *estar fora* parece dominar os personagens desta narrativa. Dirá Jean Luc Nancy (2001) que o exílio não impõe *um movimento para fora*, como se houvesse um ponto do qual partir e para o qual retornar, mas está no próprio sujeito sem que haja, portanto, uma possibilidade de retorno. O exílio nos acompanha e, também, ao narrador de *A Ocupação* (2019) porque compõe nossa/sua própria existência.

O transitar entre o real e o ficcional se dá no romance também pela presença de *figuras* que compõem a cena política e social nacional, como Carmem, já referida, e Preta Ferreira, sua filha, atuantes no Movimento Sem-teto do Centro, em São Paulo. Aliás, vale reforçar como as vozes destas e de outras mulheres, na narrativa, muito fortes. São elas que lideram os movimentos de ocupação, que dialogam com o narrador em sua residência. Este transitar referido nos faz lembrar de outras palavras de Garramuño (2014) quando aponta dentre as *práticas da impertinência* os romances que trabalham com a “*continuidade entre ficção e realidade*” (Garramuño, 2014). Neste romance, são notáveis os momentos em que Fuks desponta e se sobrepõe a Sebastián, como quando conta ao pai que terá um filho, e ouve dele “*Que notícia linda, Julián. Obrigado por me dizer*” (FUKS, 2019), ao que devolverá o agradecimento e dirá “*Mas aqui você me chama de Sebastián*” (FUKS, 2019). Outros dois momentos, a exemplos, em que o real e o ficcional se entrecruzam, e que vale menção, se refere à tomada de espaço do gênero textual carta. Couto e Fuks trocam cartas nas quais refletem sobre o sentimento do escritor diante de suas obras e sobre a solidão que o toma no processo de escrita. Numa carta (não assinada) a Mia Couto, mas na qual, notadamente, se estabelece o escritor e não o narrador, haverá a reflexão do que Fuks chama de uma *presunção*, contida no título que pensara para o romance de 2019. Ele dirá que pensara, para título, em Os olhos dos outros, mas que Mia dissera que sua preocupação deveria ser em “*tentar procurar nos olhos dos outros algo além do seu reflexo*” (FUKS, 2019) e que “*devia mergulhar nos olhos dos outros a ponto de se perder*” (FUKS, 2019). Ele, contudo, não conseguira se perder, e fará seus leitores crerem que estão diante de uma *escrita*, de fato, *sobre outros que somos nós* mesmos. Shirley de Souza Gomes Carreira (2019), Professora Doutora em Literatura Comparada da UERJ, já apontara em publicação da Revista UNIABEU, em 2019, “*um movimento rizomático para além da prática autoficcional, em uma relação com o exterior, com o fora*”. Este movimento que se dá de forma rizomática se apresenta também pelo

entrelaçamento que percebemos entre as histórias dos personagens, estas vozes que aparecem e se firmam na narrativa sem que haja uma introdução pela voz do narrador. Elas tomam à frente e a voz do narrador, tomando-lhe, e não à revelia, a vez para a expressão e o grito. As histórias se entrelaçam pelos fios condutores do refúgio e do exílio, e as *esquinas*, na narrativa se tornam lugares em que estes *personagens* se encontram com dores diversas, mas com histórias marcadas por aqueles fios condutores. As *vidas* se enraízam dando sempre origem e continuidade a outras. As experiências exílicas e de refúgios na narrativa são, aparentemente semelhantes, mas ainda que se deem por um mesmo motivo, são únicas, vivenciadas de forma muito subjetiva por cada uma das vozes que as relatam na escrita de Fuks.

E, ainda sobre os olhos, já em capítulo primeiro, o que poderia parecer uma informação que se dá em início, percebemos se tratar da retomada do diálogo que o escritor tivera com Mia Couto em carta, o diálogo sobre os *olhos a refletirem além da própria imagem*. Neste capítulo inicial, dirá o narrador que não olhou nos olhos do cadeirante, que nos olhos dele não chegou a procurar a sua própria imagem (FUKS, 2019). Ele dirá a Mia, em carta, que:

[...] Acho que não consegui me perder, que em cada palavra que atribuí aos outros encontrei uma palavra minha, em cada casa alheia vasculhei a minha, em cada rosto reconheci o meu rosto, por vício, por teimosia. Se queria me aproximar dos outros, se queria entendê-los, posso ter falhado miseravelmente. Até aqueles que me são próximos, até o meu pai, até minha mulher se fizeram desconhecidos. (FUKS, 2019)

Se não se perdeu nos olhos dos outros, Fuks, certamente, foi dominado, ainda que momentaneamente, por um sentimento de frustração por não saber o que devolver, retribuir àqueles sujeitos. Contudo, o escritor, pondo sua escrita à disposição para que aquelas vozes a ocupassem, percebe que uma *“literatura ocupada é o que poderia fazer”* (FUKS, 2019). E este momento, *o aqui e agora sobrevividos* em nosso país, são trazidos à narrativa e ao destinatário Mia Couto, com um tom muito desolador, em palavras que o escritor chamará *“pessimistas”* (FUKS, 2019). Ele dirá, sem que seja mencionado quaisquer nomes referentes ao quadro político brasileiro, que *“é tempo de poucos sorrisos neste país, e há dias em que o desalento de tantos nos contagia”* (FUKS, 2019). A Julián Fuks, chamado *“filho do exílio”*, por Eurídice Figueiredo (2017), por conta das experiências exílicas dos pais, argentinos refugiados no Brasil, face à dura repressão ditatorial daquele país na década de 1970, Couto fará, dentre muitos outros apontamentos, que *“os ditadores de hoje são papagaios ruidosos.*

Falam alto para não se escutarem a si mesmos e assim poderem voltar a mentir quando tem que se desmentir. Querem ser maiores do que o regime onde se deitam (FUKS, 2019). Couto exporá a grande realização de Fuks em *A Ocupação* (2019): fazer nascer de sua escrita “*um mundo bem maior do que as circunstâncias políticas que os cercam*”, e assim também expõe o exercício do escritor brasileiro com relação a um papel da literatura nestes tempos tão difíceis: “*que a literatura permanecerá para além de toda a ocupação*” (FUKS, 2019).

Julián Fuks fez, deste romance, o *arquivo* de um momento histórico desolador pelo qual passamos, um arquivo que pode levar os leitores futuros a se instigarem pela busca de saber que “*papagaio ruidoso*” preenchia este momento de desolação da nação brasileira, mas o que Fuks realizou nesta obra, sobretudo, foi fazer com que os leitores reconheçam os seus “*papagaios ruidosos*”: que os atuais leitores movam-se a destituí-los, a não permitirem que ocupem o nosso direito à voz e ao grito, ao solo e ao teto, e que os leitores futuros não permitam, nunca mais, que ascendam, e nos submetam à “*miséria moral e à imbecilidade quotidiana dos mandantes do dia*” (FUKS, 2019).

Referências

BURTON, Victor. Capa de *A Ocupação* (2019), de Julián Fuks. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=14797>. Acesso em 05/03/2022.

CARVALHO, Paula. Fichamento: Julián Fuks: O autor de “A ocupação” oferece estratégias de como ocupar uma terra sonâmbula. Disponível em <https://www.quatrocinco.com.br/br/noticias/1/fichamento-julian-fuks>. Acesso em 05/03/2022.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. *O fora é sempre o outro: espaço e alteridade em A Ocupação, de Julián Fuks*. e-escrita Revista do Curso de Letras da UNIABEU, Nilópolis, v .10. número 3, setembro-dezembro 2019. Disponível em [file:///C:/Users/Ally/Downloads/3814-14949-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Ally/Downloads/3814-14949-1-PB%20(1).pdf). Acesso em 03/02/ 2022.

DA REDAÇÃO/REVISTA VEJA, 2016. *Mia Couto será mentor patrocinado de Julián Fuks*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/mia-couto-sera-mentor-patrocinado-de-julian-fuks/> Acesso em 05/03/2022.

FIGUEIREDO, EURÍDICE. *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. Rio de Janeiro. 7Letras, 2017.

FUKS, Julián. *A Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FUKS, Julián. *A Ocupação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

JULIÁN FUKS In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa599964/julian-fuks>. Acesso em: 25 de janeiro de 2022. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

GARRAMUÑO, Florencia. *Frutos estranhos: sobre a inespecificidade da literatura contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. Disponível em <https://iedamagri.files.wordpress.com/2019/07/garramuno-florencia-frutos-estranhos.pdf>. Acesso em 13/02/2022.

Instituto Terra, Trabalho e Cidadania. *Nos anos 50, era o Hotel Cambridge. Hoje é a moradia de 150 famílias*. Disponível em <https://itc.org.br/era-o-hotel-cambridge-hoje-moradia-de-150-familias/#:~:text=A%20constru%C3%A7%C3%A3o%20do%20Hotel%20Cambridge,e%20foi%20fechada%20em%202002>. Acesso em 17/02/2022.

Movimento Sem-teto do Centro. Disponível em: <https://www.movimentosemtetodocentro.com.br/> Acesso em 02/02/2022.

NANCY, Jean-Luc. *La existencia exiliada*. Revista de Estudios Sociales, Barcelona, n. 8, enero, 2001. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/815/81500813.pdf>. Acesso em: 13/03/2022.

SAID. Edward. *Reflexões sobre o exílio*. Disponível em <https://somsomigrantessite.files.wordpress.com/2019/02/edward-said-reflexoc83es-sobre-o-exicc81lio..pdf>. Acesso em 08/03/2022.

SILVA, Jonatan. *Julián Fuks e a literatura de ocupação*. Disponível em <http://www.aescotilha.com.br/literatura/ponto-virgula/julian-fuks-a-ocupacao-companhia-das-letras-resenha/> . Acesso em 13/02/2022.

Recebido em: 20/3/2022

Aprovado em: 11/5/2022